

LIMA BARRETO, DRUMMOND E PLÍNIO MARCOS

Crônicas, futebol e identidade nacional

GIULIA CATARINA FLORENZANO*

Futebol e literatura: o início de um diálogo

É inquestionável a importância do futebol para se apreender a construção da identidade brasileira. Acreditamos, no entanto, que a compreensão desse processo pode ser formulada por visões estereotipadas e superficiais, formulada tanto por aqueles que nos observam de fora quanto por aqueles que formam nossa sociedade. Essa questão ratifica-se dentro da própria área de crítica literária que, infelizmente, possui um número escasso de pesquisas que discutem a relação entre futebol e literatura. A maior quantidade de estudos entre os dois campos concentra-se em áreas que dedicam às obras um olhar político-social. É necessário que se tenha um cuidado maior em relação aos aspectos intrínsecos das narrativas, pois também possuem papel fundamental não apenas na crítica ou representação social promovida pelos autores, como também na construção do próprio texto. Compreender as diferentes faces do futebol ao longo dos anos por meio da literatura é uma forma de refletir sobre a história de nossa sociedade e cultura e transformar, de algum modo, as visões estereotipadas e superficiais criadas acerca desse esporte.

Abre-se, dessa forma, uma questão fundamental para discussão: a relação estabelecida entre literatura e sociedade. Antônio Cândido, em *Crítica e Sociologia* (CÂNDIDO, 2006: 13), reflete sobre as relações estabelecidas entre narrativa e espaço social e a forma como se modificaram ao longo dos anos. O autor expõe a ideia de que as obras literárias não devem ser estudadas como processos sedimentares de outras áreas de saber. Elas possuem identidades próprias, dialogam diretamente com o meio social ao qual pertencem e, em contato com o leitor, são ressignificadas:

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas [aspectos intrínsecos e extrínsecos]; e que só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra.

À vista disso, os procedimentos de linguagem são interpretados não apenas como enquadramentos ilustrativos de uma determinada época ou de uma figura de linguagem, mas como fatores da própria construção artística. Edward Said, em *Narrativa e espaço social* (SAID, 1995: 104-105), retrata a visão de que as narrativas literárias não se mantêm restritas ao âmbito social ao qual foram escritas. Elas são reinventadas a partir de novas leituras, novos modos de vida, novas culturas. Por essa razão, é imprescindível o estímulo de novas interpretações, visando estabelecer o diálogo entre tempo e contexto da leitura e tempo e contexto da escrita. Uma obra não deve ser lida apenas com propósitos de estudo e análise. Uma obra deve ser sentida, experimentada, vivenciada.

A discussão levantada por Cândido e Said sobre os métodos intrínsecos e extrínsecos da literatura nos auxilia a encontrar uma forma de unir os dois campos de análise em nosso trabalho— o dentro e o fora. Se, por um lado, o futebol evidencia sua relevância construída além das quatro linhas quando se constitui em papel fundamental na construção da identidade brasileira, por outro, as obras literárias também revelam sua importância a partir do momento em que representam e dialogam com as características da sociedade em que vivemos.

Durante muitos anos, o jornal cumpria o papel de informar e, conseqüentemente, formar a opinião pública. Fátima Martin Rodrigues Ferreira Antunes, em sua obra “Com brasileiro não há quem possa!” (ANTUNES, 2004: 20), ressalta que, no final do século XIX, jovens cronistas que ansiavam pela ascensão de sua carreira literária, acadêmica ou política, iniciavam seus primeiros passos profissionais publicando pequenos artigos, críticas ou ensaios em jornais: É interessante observar que, muitas vezes, o cronista que se propunha a escrever sobre as primeiras partidas futebolísticas desenvolvidas no início do século XX também poderia se dedicar à publicação de matérias em outras seções do jornal. A especialização em áreas de saber, quadro que forma o cenário profissional atualmente, não fazia parte daquele contexto.

Ora, o que explica essa grande propagação desse gênero literário no prelúdio da década de 20, a ponto de formar grande parte da opinião pública? Fátima (ANTUNES, 2004: 20) nos auxilia na compreensão dessa questão abordando a diferença fundamental entre o texto jornalístico e a crônica. Enquanto o primeiro tem por objetivo a

informação, o fato em si, a crônica toma como pretexto a notícia para elaborar um discurso, uma forma de linguagem que transcende o próprio acontecimento.

Antônio Cândido, em *A vida ao rés-do-chão* (CÂNDIDO, 2003: 89), corrobora com essa discussão ao afirmar que, ao ser configurada como um gênero de menor expressão, a crônica torna-se mais próxima do leitor, interagindo de forma rente aos acontecimentos do cotidiano e quebrando uma linguagem de aspectos monumentais, observada em grande parte dos gêneros literários:

Na sua despreensão, humaniza; e esta humanização lhe permite, como compensação sorradeira, recuperar com a outra mão uma certa profundidade de significado e um certo acabamento de forma, que de repente podem fazer dela uma inesperada embora discreta candidata à perfeição.

Através de uma aparente postura inexpressiva, a crônica abre-se como um leque de significados. Dessa forma, por meio de sua observação da realidade, o escritor constrói sentidos mais profundos em relação aos fatos.

Desde o final do século XIX, os jovens cronistas estiveram atentos à repercussão social do futebol que, cada vez mais, tornava-se espaço de sociabilidade e meio mobilizador de pessoas e massas populares. Qual teria sido o papel desses escritores perante esse esporte que, gradativamente, propagava-se pelo país de modo a tornar-se um dos símbolos da identidade nacional?

Lima Barreto, Carlos Drummond de Andrade e Plínio Marcos foram cativados a escrever sobre futebol. O autor carioca testemunhou os primeiros passos de uma jovem república e, conseqüentemente, o início da difusão do esporte no país. Drummond fez parte de uma geração que experimentou o auge do futebol, representado pela primeira conquista da seleção brasileira na Copa de 1958. Plínio vivenciou os anos de chumbo, observando a relação que se desenvolvia entre futebol e regime militar.

O pontapé inicial da difusão do futebol aos olhos de Lima Barreto

Leonardo Afonso de Miranda Pereira, em sua obra *Footballmania* (PEREIRA, 2000: 25-26), destaca que o início da difusão do futebol no Brasil possui dois marcos de destaque. O primeiro deles se configura no começo do século XX até meados da década de 1910, cenário em que o esporte delimitava-se como uma atividade elitista, praticada

por jovens da alta nata que se associavam aos principais clubes. O segundo instante ganha seus principais contornos a partir da década de 1910 e se desdobra até os anos de 1920, momento em que as outras camadas sociais se aproximam da prática esportiva e sofrem, conseqüentemente, uma forte tentativa de exclusão por parte da burguesia carioca.

Lima Barreto vivenciou um dos períodos de maior instabilidade, tanto do ponto de vista do Estado quanto das configurações futebolísticas. O autor destacou-se com suas crônicas publicadas em revistas e jornais na década de 1920 por meio de severas críticas à sociedade carioca. Também se ateu aos primeiros contornos com que eram desenvolvidas as partidas futebolísticas.

Nos mesmos jogos nos quais os times da nata carioca juntavam em suas arquibancadas uma juventude elegante e seleta, uma pequena multidão de curiosos, marcada por crianças, jovens, pobres, negros, exprimia-se sobre os telhados e muros na tentativa de apreciar o jogo. Negros, mestiços e pobres iam, em ocasiões como essa, aproximando-se do esporte e fazendo dele uma alternativa de lazer e um meio de diversão, que atraía um contingente cada vez maior de admiradores entre as classes trabalhadoras. Dessa maneira, a popularização do futebol nas classes mais humildes ocorreu quase que de forma concomitante à sua difusão nas principais competições amadoras praticadas pela elite carioca. Deixando de ser um monopólio de poucos, o futebol transformava-se em um jogo praticado por grupos de diversos perfis sociais.

A popularização do esporte não preservava o perfil refinado desejado pela elite carioca, refletindo uma mentalidade segregacionista e discriminatória, que se configurava não apenas na esfera esportiva, mas também no contexto social. A imagem civilizatória que o cerne cosmopolita desejava propagar estava fortemente relacionada ao processo de branqueamento da população. À vista disso, as atividades vinculadas a esse propósito participavam desse processo de restrição racial e social, seja no contexto futebolístico, artístico, cultural ou político.

O maior conflito dessa questão foi proporcionado em 1921, durante os preparativos para a escolha do selecionado brasileiro que disputaria o campeonato sul-americano na Argentina. Não estava em jogo apenas o critério da triagem dos jogadores, mas a imagem que se desejava passar da nação brasileira através de seu selecionado.

Dessa forma, formado por jovens brancos e aparência elegante, quase todos sócios dos grandes clubes do Rio de Janeiro, deixando de lado negros e mestiços, o combinado brasileiro tecia os contornos da imagem do preconceito racial e do processo de segregação e marginalização pelo qual sofria a população humilde.

As críticas de Lima Barreto representa o cenário ao qual se encontrava a população negra: presa a conceitos discriminatórios. Através de um forte sarcasmo, o autor se dedica a expor as piores adversidades da sociedade carioca. Na crônica *Bendito football* (BARRETO, 2004: 432-433), o escritor constrói sua aversão ao esporte que, gradativamente, estabelecia clara prática segregacionista:

O football é eminentemente um fator de dissensão. Agora mesmo, ele acaba de dar provas disso com a organização das turmas de jogadores que vão à Argentina atirar bolas com os pés, de cá para lá, em disputa internacional. O Correio da Manhã, no seu primeiro suelto de 17 de setembro, aludiu ao caso. Ei-lo:

O Sacro Colégio do Football reuniu-se em sessão secreta, para decidir se podiam ser levados a Buenos Aires, campeões que tivessem, nas veias, algum bocado de sangue negro – homens de cor, enfim.

A passagem descrita pelo jornal elucida o contexto de uma sociedade em nítida formação social, cultural e política. Um dos objetivos eminentes da alta sociedade carioca era a construção de uma identidade nacional voltada para o estilo de vida disseminado pelo continente europeu. Esse processo, conseqüentemente, visava o branqueamento da população no cerne da cidade, varrendo para os morros e subúrbios a grande massa negra e pobre. À vista disso, o cronista, novamente por meio da construção de um forte sarcasmo, denuncia de modo enfático a exclusão dos negros não apenas no cenário futebolístico, mas na sociedade como um todo; uma sociedade configurada através de parâmetros racistas, segregacionistas, com ideologias extremamente preconceituosas e reacionárias. Esse ponto de vista é exposto pelo autor na passagem em que explicita novamente a relação entre esporte e nação (BARRETO, 2004: 434):

O que me admira, é que os impostos, de cujo produto se tiram as gordas subvenções com que são aquinhoadas as sociedades futebolescas e seus tesoureiros infiéis, não tragam também a tisona, o estigma de origem, pois uma grande parte deles é paga pela gente de cor. Os futeboleiros não deviam aceitar dinheiro que tivesse tão malsinada origem. Aceitam-no, entretanto, cheios de satisfação.

Dava-se o seguinte: o *football* ficava mais rico e mais branco; e a gente de cor, de que se compõe, em geral, os socorridos por aquele doutor, acabava desaparecendo pela ação da malária, da opilação e outras moléstias de nomes complicados que não sei pronunciar e muito menos escrever.

As crônicas de Lima Barreto são uma nítida exemplificação que comprovam sua fundamental presença nos debates literários. Ler esse autor é, de certa forma, compreender a história de nossa própria sociedade e desvendar os olhos ao lastimável contexto vivenciado por uma população pobre, marginalizada e discriminada. A atualidade de sua crítica atesta o fato de ser considerado um dos mais importantes visionários da literatura. Durante os anos de 1920, elas foram essenciais em diversos aspectos, contudo sua análise foi crucial pelo fato de acusar de modo enfático a exclusão dos negros e da população discriminada no futebol. Todavia, sua denúncia não se reduz apenas ao contexto esportivo, mas também ao cenário social, englobando questões acerca de aspectos históricos de um país, relação de poder e dominação entre colonizador e colonizado, busca de uma nação por sua identidade nacional e reconhecer, nessa busca, a alteridade e o intercâmbio de culturas como parte formadora de sua própria constituição.

Drummond e os tempos de ouro do futebol

Apesar de vivenciar o momento auge da paixão nacional do futebol propagada pela primeira conquista da seleção brasileira na Copa de 1958, Drummond nunca deixou de lado seu característico cunho crítico-social. Assim como Lima Barreto, o mineiro da pequena cidade de Itabira utilizava como uma de suas principais armas o olhar cristalinamente lúcido para a realidade. Essa característica também é aplicada ao contexto futebolístico, explicitando que, afora a vitória do selecionado brasileiro, grande parte dos problemas sociais do país permanecia sem resolução.

Na crônica intitulada *Situações* (ANDRADE, 2014: 27), escrita dias após a conquista do selecionado brasileiro na Copa de 1958, Drummond observa o momento em que a população, junto à presença de João Havelange, presidente da Confederação Brasileira de Desportos, e Juscelino Kubistchek, aguardavam ansiosamente a chegada da seleção canarinho. Logo no início de sua narrativa, o cronista afirma:

Bem, não pretendo estabelecer qualquer comparação, mas dias depois, no palanque armado para receber os campeões do mundo, nosso atual presidente, visivelmente satisfeito, mostrava, sem embargo disso, uma ponta de inquietação, que me intrigou.

Através do uso da ironia retórica, o escritor tece nas linhas de seu discurso suas observações sobre a aparente inquietação do então presidente da República, Juscelino Kubistchek. É possível observar o início de uma possível utilização da euforia proporcionada pela recente conquista da Copa do Mundo de 1958 em prol de interesses particulares. À vista disso, o cronista, ao longo de sua narrativa, faz uso de maneira sagaz de palavras que apresentam duplo sentido em seu discurso, podendo referir-se tanto ao contexto futebolístico quanto político. A primeira delas se destaca nas primeiras linhas de sua narrativa. O vocábulo “palanque” refere-se aparentemente ao local construído para receber os jogadores. Entretanto, também pode fazer menção ao lugar onde políticos costumam-se reunir para promover seus discursos.

O cronista também observa a maneira como símbolos da conquista do selecionado na Suécia poderiam ter apelo nacional em prol da defesa de uma ideologia, dando destaque não apenas ao coletivo, mas também ao individual. No trecho a seguir, Drummond constrói a imagem do nervosismo de JK por meio da ironia utilizada através da palavra “equipe”, podendo referir-se à seleção brasileira ou ao grupo de governantes (ANDRADE, 2014: 27):

Dirigia a vista para um e outro lado, à procura do homem ou dos homens providenciais que lhe formassem uma grande equipe, do valor daquela que vencera no futebol, mas Garrincha e Vavá para a Agricultura e o Trabalho, isso não havia. Terá pensado um instante em convidar o próprio Vavá e o próprio Garrincha para essas pastas, mas será que eles aceitariam?

Entra em cena, então, a figura de João Havelange, presidente da Confederação Brasileira de Desportos. Esse personagem representa todo interesse político no cenário futebolístico. Por meio da ironia, o cronista transmite a visão descompromissada de Havelange em relação aos problemas sociais do país (ANDRADE, 2014:27): “Mas João Havelane, inquieto por sua vez, não com o destino do Brasil, e sim da taça, segurava-a de lado, e às vezes procurava erguê-la perante a multidão fascinada”.

No fim de sua crônica, Drummond utiliza mais uma vez uma dupla conotação através do verbo “puxar”. Por meio de recursos irônicos, o autor constrói uma cena de puro escárnio, em que as figuras de João Havelange e Juscelino Kubistchek parecem disputar a taça a ponto de quase derrubá-la. A palavra “puxar”, nesse sentido, pode

representar a ação de puxar a taça trazida da Suécia pelo selecionado brasileiro ou a defesa de seus interesses próprios (ANDRADE, 2014: 27):

(...) [João Havelange] segurava-a de lado, e às vezes procurava erguê-la perante a multidão fascinada. Juscelino puxava para a esquerda, Havelange para a direita: um para baixo, outro para cima; e eu via a hora em que a taça caía.

O grande trauma deixado pelos novos modelos de comportamentos, assim como a perseguição aos principais costumes populares culminaram na difusão de um sentimento de abandono, discriminação e perseguição de um povo que também fazia parte da nação brasileira, ajudando a construir a história do país através de seu sangue e suor. Os ressentimentos causados esculpiram profundas cicatrizes no âmago da população humilde. Entretanto, através do futebol e de todos os elementos culturais que poderiam resgatar com ele, aos poucos conseguiam reconstruir sua significação e compartilhar um sentimento de pertencimento em uma sociedade a qual não os abraçava, dando vida aos velhos costumes e símbolos de sua identidade, como as festas de rua, o samba, a capoeira. O esporte, dessa forma, se armava como uma das formas que encontravam para reivindicar seu lugar na sociedade, não apenas de modo simbólico, mas sim efetivo.

Plínio Marcos e os tempos de chumbo

Plínio Marcos, escritor e dramaturgo brasileiro, destacou-se por meio de sua denúncia e protesto contra as formas de organizações sociais ao longo do período da ditadura militar. Abordava em suas obras temas reprimidos pela censura, como a marginalização e prostituição, presentes em suas principais peças teatrais. Plínio sempre se interessou pelo futebol e chegou a jogar como atleta profissional na Portuguesa Santista. No entanto, foi nas colunas de jornais que atingiu maior destaque.

O autor talvez seja o cronista que mais inovou o sentido da palavra crônica. Interagindo de forma rente aos acontecimentos do cotidiano e quebrando uma linguagem de aspectos monumentais, observada em grande parte dos gêneros literários, o autor nos chama atenção a um dos problemas enfrentados por grande parte da sociedade do início do século XX, que perdura até os dias atuais: a falta de oportunidade a um estudo de qualidade, que conseqüentemente pode acarretar na incapacidade de compreensão textual ou, em casos extremos, na analfabetização funcional. Ao fazer uso

de uma linguagem possibilitando melhor compreensão, o cronista aproxima sua obra aos indivíduos em condições sociais e educacionais desfavorecidas, viabilizando, assim, não apenas o entendimento, mas a vivência da leitura.

Plínio expõe em suas crônicas a forma como o regime embrenhou-se nas diretrizes da seleção brasileira e dos clubes. O autor destaca a relação estabelecida entre a opressão do regime imposta ao povo brasileiro e a perda de aspectos fundamentais no cenário futebolístico, como a fragilidade da expressão corporal e da identidade do jogador, muitas vezes preso a esquemas táticos e disciplinares, a privação de informações aos atletas, que desconheciam formas de lutar pelos seus direitos, as condições precárias de trabalho que eram impostas à esses jogadores, a corrupção e a má administração dos dirigentes de clubes.

Em sua obra *Um corintiano foi falar com Deus*: Olegário morreu suspirando por Baltazar, o cronista narra a história de um velho senhor, torcedor fanático do Corinthians que, ao fim de sua vida, decide participar de um evento que se eternizaria como a invasão corintiana no estádio do Maracanã. Fluminense e Corinthians disputaram uma das decisões do Campeonato Brasileiro de 1976.

A personagem social de Seu Olegário representa grande parte da população, retratando milhares de indivíduos em condições desfavorecidas, descontentes e desiludidos com o sistema político de seu país (MARCOS, 1976: 4): “Fazia muito tempo que o Seu Olegário não ia a campo de futebol. Tudo porque o Corinthians não lhe dava alegria”. É possível perceber no trecho em destaque que a desilusão social e política culminavam na perda da arte no futebol. Os jogadores, assim como o povo, se acanhavam, sufocavam, sentiam-se ansiosos e inseguros. Contudo, se por um lado o regime encontrou no futebol um dos principais pilares para solidificar suas diretrizes, por outro, atletas e torcedores utilizavam esse mesmo esporte para unir forças e iniciar um processo de persistência, luta e ressignificação.

Essa ideia é construída através de um fio de esperança que nasce nos torcedores assim que o time do povo derrota o tão temido Internacional, chegando a uma das decisões do Campeonato Brasileiro de 1976. Desse modo, já com a saúde fraca, remando

contra todas as contraindicações de sua mulher e filho, Seu Olegário decide seguir seu instinto. Guiado pelo coração, acompanhando cerca de 70 mil corinthianos, parte rumo à cidade maravilhosa (MARCOS, 1976: 4):

E quando a cidade se embandeirou pra ir ao Rio de Janeiro empurrar o Corinthians em cima do Fluminense no Maracanã, lá estava Seu Olegário. Não deu trela pra mulher que lhe disse que ele não estava mais em idade pra se meter nesses pacodes. Nem escutou o filho médico, que lhe recomendou cuidado com o coração. Nada tirou seu Olegário da onda.

Plínio solidifica a imagem da mulher e do filho como duas figuras racionais, dialogando com um dos principais símbolos propagados pelo regime militar: o slogan *ordem e progresso*. A disciplina é contestada em sua crônica a partir do momento em que o personagem de Seu Olegário se recusa a seguir todas as contraindicações racionais proferidas pela esposa e pelo filho.

No trecho a seguir, é possível perceber que o cronista desenvolve sentidos múltiplos de interpretações, revelando, novamente, um diálogo entre as manifestações da torcida dentro de campo e as manifestações políticas. É importante nos atermos ao fato de que o cronista representa, não por acaso, não apenas uma das maiores torcidas nacionais, mas a torcida que representaria nos anos de 1980, um dos símbolos da luta pela redemocratização (MARCOS, 1976: 4):

Quando seu time entrou em campo, ele vibrou, berrou com todas as forças do seu pulmão. Só sossegou quando entraram os cariocas. Aí, sentiu o braço meio dormente, a cabeça pesada, as pernas meio bambas, um aperto no peito.

No início da narrativa em destaque, a expressão “berrou com todas as forças do seu pulmão” refere-se tanto ao ato de apoio da torcida aos jogadores que disputariam a partida quanto ao manifesto do cidadão brasileiro contra a forma de um governo ditatorial representado pelos militares. Plínio ainda faz alusão às marcas de violência física esculpidas em parte da população pela ditadura, representadas pelo mal-estar vivenciado pelo personagem: “aí, sentiu o braço dormente, a cabeça pesada, as pernas meio bambas, um aperto no peito”.

Plínio descreve a cena final de sua crônica (MARCOS, 1974: 4):

(...) e uma bola a girar, a girar, a girar, e atrás da bola Brandão, Servílio, Luizinho, Russo, Jaú, Del Débio, De Maria, Neco, Cláudio, Baltazar, Zé Maria, Simão, Tuffi, Gilmar, Bino (...)

E a multidão de repente explodiu. Mil e uma bandeiras alvinegras se agitaram: Gol! Gol! Seu Olegário, com o barulho, despertou. Quis se levantar. Não pôde. Com esforço, puxou um torcedor pelo braço. Quando o cara olhou, Seu Olegário, com voz fraca, murmurou:

- Que foi?

O torcedor, espumando de alegria, berrou:

- Tá um a um! Tá um a um! Agora a gente ferra eles.

(...) Longe, muito longe, Seu Olegário escutava a torcida:

- Corinthians! Corinthians! Corinthians!

Seu Olegário sorriu. E pro Seu Olegário se fez silêncio pra sempre.

O escritor une dois momentos que tecem os diálogos finais entre futebol e ditadura. Em campo, é possível perceber a construção do toque na bola do Corinthians, representado pela repetição dos nomes dos jogadores do time de São Paulo. A troca de passes resulta no instante do gol e a explosão da euforia ilustrada pela agitação das bandeiras, pelos berros e pulos nas arquibancadas da nação corintiana. Apesar de vivenciar esse momento, Seu Olegário não resiste à sua condição de saúde e promove seus últimos suspiros de vida vendo Baltazar igualar o placar contra o Fluminense e participando do dia que se eternizaria em nossas memórias como a invasão corintiana. Sua morte abre um leque de interpretações. Acreditamos que Plínio constrói ao longo de sua crônica uma relação entre futebol e ditadura, revelando as cicatrizes de um povo que, mesmo enfrentando a violência física e psicológica de um regime autoritário, reuniu forças para lutar contra esse governo. A morte de Baltazar é, de alguma maneira, uma homenagem àqueles que morreram dedicando-se à redemocratização de seu país e à ressignificação de seu povo.

Conclusão

Mesmo escritas em diferentes épocas, as crônicas de Lima Barreto, Drummond e Plínio Marcos discutem um ponto culminante: apesar de muitas vezes ter sido utilizado como fortalecimento de uma ideologia discriminatória e opressora, o futebol e aqueles que ajudaram a construir sua história nunca se detiveram em um lugar de conformismo. A construção de nossa identidade atrelada ao esporte não se estabeleceu apenas através de um procedimento conciliador, harmônico e integrante. Os traumas sociais esculpidos por uma série de repressões ao longo de nossa história culminaram na difusão de um sentimento de abandono, discriminação e perseguição de um povo que, da mesma maneira que a alta nata da sociedade brasileira, também faz parte de nossa história e luta até os dias de hoje por seus direitos e reconhecimento.

Compreendemos que não há construção de uma identidade, seja ela individual ou coletiva, sem divergência e conflito. A diferença é fundamental para o estabelecimento do diálogo, dos diferentes pontos de vista que podem revestir uma sociedade. Uma nação que possui apenas um símbolo de representação identitária, não representa em totalidade seus habitantes. E, talvez, não haja uma forma de representação totalitária. Por esse motivo, torna-se ainda mais comum a proliferação e o destaque de grupos que reivindicam seu espaço e seus direitos dentro das sociedades aos quais habitam. Acredito que, através dessa questão, se revela a importância das crônicas de Lima Barreto e Drummond. Através de variados recursos linguísticos, como uma cômica ironia, um impactante sarcasmo, uma hipérbole que realçasse os sentimentos vivenciados por milhares de indivíduos e até mesmo a construção de uma ironia a partir do uso de vocábulos ingleses, provenientes do país em que se difundiram os primeiros jogos, os autores desenvolvem uma percepção reflexiva acerca do esporte, revelando a tensão, o atrito e as transformações presentes na construção da identidade nacional atrelada à imagem do futebol. Por esse motivo, acreditamos que toda tentativa de construção de uma identidade nacional estável e sólida seja fadada ao fracasso.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond. **Quando é dia de futebol/** pesquisa e seleção de textos Luis Mauricio Graña Drummond, Pedro Augusto Graña Drummond; posfácio Juca Kfourri. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. “**Com brasileiro, não há quem possa!**”: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BARRETO, Lima. **Toda Crônica/** apresentação e notas Beatriz Resende; organização Rachel Valença. – Rio de Janeiro: Agir, 2004.

CANDIDO, Antonio. Crítica e Sociologia. In:_____. **Literatura e Sociedade.** Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. A vida ao rés do chão. In:_____. **Para gostar de ler: crônicas.** São Paulo: Ática, 2003.

MARCOS, Plínio. Um corintiano foi falar com Deus. **Movimento.** São Paulo. 13 de dezembro de 1976. p. 4. Impresso.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902 – 1938.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo.** Tradução Denise Bottman. – São Paulo: Companhia das Letras, 1995.